

“Quero o meu trabalho livre para que seja julgado. Assim ele pode ter uma função social. De outra forma, não. As pessoas ficam especulando em torno de fatos desconhecidos, achando que as melhores músicas são as proibidas.”

Ruy Fabiano e Liana Fortes

Com um novo disco na praça — *Meus Caros Amigos* — Chico Buarque volta a centralizar as atenções no cenário da música popular brasileira, do qual é, sem dúvida, a figura mais expressiva e a que conseguiu, nos últimos dez anos, reunir maior número de admiradores em torno de seu trabalho. Investindo agora em atividades paralelas — teatro, literatura e trilha sonora para cinema — ele vai revelando aspectos insuspeitados de seu talento, ampliando sua faixa de público e so-

lidificando sua posição em nosso panorama cultural. Aos 32 anos, apesar dos contratemplos bastante conhecidos, ele está mais ativo e criativo que nunca: até o Natal deverá terminar a produção de um disco infantil, baseado na peça *O Saltimbanco*, de Sérgio Bardotti, por ele traduzida. Em março, a cantora Ornella Vanoni lançará um disco com músicas suas na Itália, onde seu prestígio cresce dia a dia. Como se não bastasse, a sua peça *Gota D'Água*, de parceria com Paulo Pontes e já assistida por mais

de 200 mil pessoas, deverá ser transportada para o cinema, através de Leon Hirzman. Ainda em teatro, ele prepara com o mesmo Paulo Pontes uma comédia musical, intitulada provisoriamente de *O Dia em que Frank Sinatra Resolveu Vir ao Brasil*, que promete repetir o seu êxito anterior. Para os seus admiradores, apenas uma notícia desagradável: Chico não pretende tão cedo voltar a se apresentar em público. Resta curtir o seu trabalho, cada vez mais fértil e surpreendente.

JM — A sua recente apresentação na Itália foi noticiada aqui como uma despedida dos palcos. É verdade?
Chico — Não, eu não fiz despedida alguma. Longe de mim. Eu só disse que não estava interessado em fazer, por enquanto, qualquer apresentação. Até quando, não sei. Estou com uma peça em cartaz e fiz trabalhos para o cinema. Então, não estou precisando fazer shows, e enquanto não precisar, não faço. Isto porque estou interessado em fazer outros tipos de trabalhos.

JM — Essas apresentações prejudicam o seu trabalho de criação?
Chico — Prejudicam em termos de tempo. Ter que viajar, dormir em hotel, ensaiar etc. Eu agora estou trabalhando com o Paulo Pontes e produzindo esse disco infantil, que deverá ser lançado antes do natal. Por isso não posso pensar agora em apresentações.
JM — Fale um pouco desses trabalhos.
Chico — O disco infantil é baseado numa peça do Sérgio Bardotti, *O Saltimban-*

co, que eu traduzi. Há também um projeto para se montar a peça, com o Antonio Pedro como diretor, improvisando um pouco em cima do texto. A idéia desse disco é bem antiga. Aproveitei a vinda de Sérgio ao Brasil, que veio traduzir algumas músicas minhas para um disco da Ornella Vanoni, e traduzi essa peça. O disco está sendo feito em família. Participam as minhas duas filhas, a Bebel, filha do João Gilberto, a Miúcha, a Nara, o Rui e o Magro do MPB-4. O outro trabalho é

CHICO FALA

uma comédia musical, quase uma revista, de parceria com o Paulo Pontes. Chama-se, provisoriamente, *O Dia em que Frank Sinatra Resolveu Vir ao Brasil*. Mas ainda estamos na metade, pois o trabalho foi interrompido com essa viagem e esse disco. Mas agora vamos retomar. Há também uma idéia do Leon Hirzman de filmar *Gota D'Água*. De concreto mesmo, por enquanto, só o disco infantil.

JM — Você tem algum outro projeto literário depois de *Fazenda Modelo*?

Chico — Assim que eu puder, pretendo retomar esse tipo de atividade. Acontece que aquilo era resultado de um trabalho acumulado em alguns anos de observação, de anotações. Quer dizer, eu vou precisar de mais algum tempo para acumular nova bagagem e sentar novamente e me dedicar a isso. É um trabalho muito absorvente e solitário. Então, eu preciso me desligar de tudo o mais para me dedicar à literatura. Agora, eu não posso chegar e dizer assim: vou escrever um livro. É um trabalho que exige um certo tipo de disciplina, a que já estou me acostumando. Não é neces-

sário a opção entre o escritor e o compositor. Até agora eu tenho podido conviver com os dois. Isso apesar de serem duas coisas estanques. Uma atividade interrompe a outra, mas não anula. A satisfação de um trabalho literário é mais longa, mais permanente. A satisfação que a música dá é intensa, mas breve. Por exemplo, eu não estou mais curtindo esse meu último disco. Curti bastante quando fiz as músicas. Depois, quando os arranjos ficaram prontos. Agora já não me interessa. É um disco simples e bem-humorado. Os arranjos do Francis Hime são perfeitos, mas não é um disco pretensioso.

JM — Qual a sua média de produção?

Chico — Há momentos, inclusive, em que me desligo um pouco do assunto. O violão, por exemplo, às vezes me dá um fastio. Não pego no instrumento há uns dois meses. De repente, me ligo outra vez e aí pode surgir uma música. A literatura é diferente, exige disciplina. Eu, em média, não faço nem uma música por mês. Tenho uma bagagem grande porque são dez anos de carreira.

JM — A sua aversão em

aparecer em público não está em contradição com a sua carreira, iniciada em festivais e sempre cercada de grande expectativa popular?

Chico — Às vezes é como uma violentação. Por exemplo: uma estréia. Mas, ao longo desses anos, eu consegui me acostumar. Quer dizer, em dez anos de carreira, eu fui sempre o compositor que canta, por uma questão até de sobrevivência. É o problema do direito autoral. Muitos compositores se apresentam como cantores apenas por este motivo. É mais uma imposição do mercado. Como eu me abri agora para trabalhos paralelos — com teatro e música para cinema — não preciso me preocupar mais com essas coisas. De qualquer forma, não estou longe do público. Apenas me comunico de outra forma. Não estou ali, exposto. A *Gota D'Água*, por exemplo, já foi assistida por mais de 200 mil pessoas, o que é uma satisfação muito grande para mim, já que estou atingindo outra espécie de público, com outra linguagem e outra imagem. Como eu trabalho com música e letra, tudo o que se refere à música e literatura

me interessa. Então, as minhas atividades têm esse limite. Por exemplo: eu jamais vou fazer uma exposição de pintura.

JM — Esse seu último disco não é exatamente resultado de suas últimas produções. Há músicas feitas há algum tempo e que só agora foram aproveitadas. Por quê?

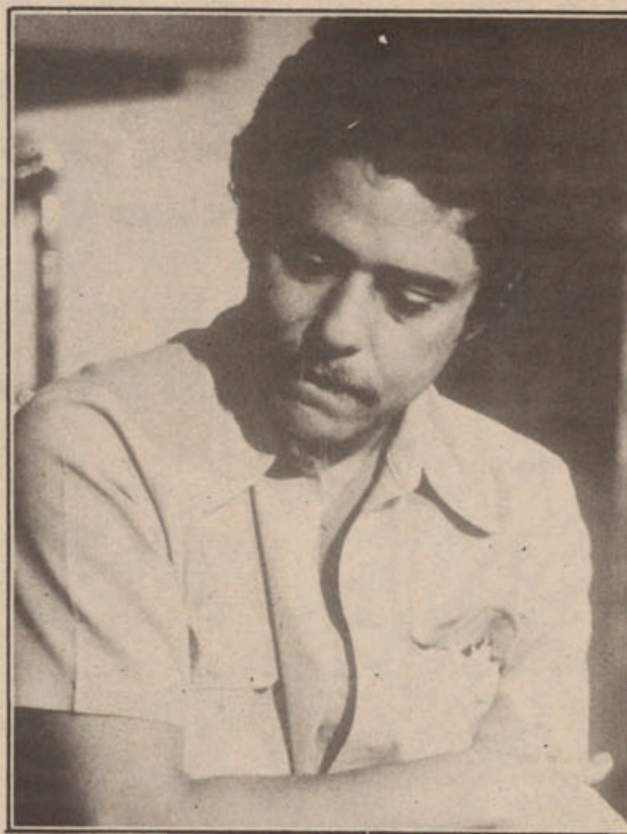
Chico — De fato, a metade deste trabalho é de músicas feitas anteriormente. Acontece que algumas só agora foram liberadas. Outras foram liberadas quando eu não tinha planos de gravar nenhum disco. Além disso, eu não tinha material suficiente mesmo. *Olhos nos Olhos*, por exemplo, gravei apesar da Bethania ter feito uma gravação recente que eu considero definitiva.

JM — A censura ainda o tem incomodado bastante?

Chico — Já me prejudicou bastante. Agora, nesse último disco não houve maiores problemas. Como eu disse, eles até liberaram músicas proibidas.

JM — Quantas músicas suas ainda estão proibidas?

Chico — Bem, o problema aí não é de quantidade. A questão é que toda a vez que eu quero gravar um disco, tenho que submeter as músicas — mesmo as já gravadas — à censura. O MBP-4, por exemplo, quis incluir em seu disco duas músicas antigas minhas — *Ano Novo* e *O Velho* — e elas não foram liberadas. Quer dizer, isso pra mim foi uma novidade. Amanhã, se eu quiser regravar *A Banda* não sei se vou conseguir. Acredito até que consiga, mas já há essa probabilidade.



Por quê?

Chico — Bem, eu soube da notícia pelos jornais. Mas não foi uma medida de caráter político ou pessoal. Eles proibiram vários compositores brasileiros, pois achavam que a invasão da música brasileira estava prejudicando a música argentina, era uma coisa alheia à cultura deles. Junto comigo, proibiram muita gente, inclusive o Vinícius e o Toquinho. Não houve essa conotação política que muitos pensaram. Aliás, essa mitificação de herói eu acho uma bobagem muito grande, que não me interessa.

Chico — Eu vejo muito bem. Apesar de tudo, não só a música, como o cinema e o teatro, estão com muito mais movimentação do que estavam há 3 ou 4 anos atrás, quando havia um certo marasmo, um desânimo. Acho que o pessoal está ficando mais ativo.

JM — Como foi essa temporada na Itália?

Chico — Foram três apresentações no Teatro Sistina, dentro de um circuito de música popular brasileira, onde se apresentaram Jorge Ben, Toquinho. O momento está muito bom para a música brasileira na Itália, mas ainda no âmbito de show e teatro. Não há uma investida proporcional em termos de disco. Então fica sendo ainda um fenômeno de elite, embora já haja bastante informação nova de música brasileira. Não só da bossa nova.

“Até músicas já gravadas, tenho que submeter à censura. Eu nem mesmo sei se me deixariam regravar *A Banda*”.

JM — Você acha que a simples existência da censura induz de alguma forma os jovens a cultivarem gêneros não comprometidos com a nossa realidade?

Chico — Nesse caso, acho que a censura não tem tanta culpa. É mais o problema da invasão avassaladora e sem qualquer controle da música estrangeira. Não estou, nem nunca estive, defendendo raízes. Nunca me coloquei como bandeira de nada. Apenas fui criado ouvindo muito mais música brasileira e acho que não há muito sentido em se ficar procurando som eletrificado e rotulado de universal num país com música própria riquíssima e que, muitas vezes, serve de informação a esses mesmos astros da música internacional.

JM — Você acha que a censura superestima a música popular?

Chico — Eu acho. Mesmo depois de 64, havia liberdade nesse setor de criação e, ao que me parece, não houve qualquer alteração ou ameaça às estruturas por causa disso.

JM — Recentemente você foi proibido na Argentina.

JM — Mas isso, de certa forma, não demonstra que o seu trabalho está tendo uma função social?

Chico — Pode ser, na medida em que ele apareça. Agora, uma mitificação em cima de um trabalho oculto eu acho uma coisa nociva. Pode levar, inclusive, o sujeito a desistir dessa luta e ficar parado, não fazendo nada, e até usando a censura como pretexto para não produzir. Então, cada vez que há uma proibição, é muito ruim porque meu trabalho não pode ser julgado. Eu quero que meu trabalho apareça para ser julgado. Aí ele pode ter uma função social. De outra forma, não. Porque o trabalho não aparece é que não pode. Acho furado. Fica-se especulando em torno de uma coisa que não é conhecida, achando, inclusive, que as melhores músicas são as proibidas, o que não é verdade. Inclusive porque a música popular é uma coisa comprometida com a clareza. Não há intenção de se fazer nada oculto ou sub. É uma coisa bem direta.

JM — E como você vê o panorama atual da música brasileira?

JM — E esse seu disco que está sendo gravado lá?

Chico — Eu tenho tido várias músicas gravadas por lá. Agora, esse disco não é meu. É da Ornella Vanoni, cantando músicas minhas. Eu entro no disco como convidado, como ela já fez com o Vinícius e Toquinho. O disco deverá ser lançado em março.

JM — E suas relações com a TV?

Chico — Estou estudando um convite para um especial na TV Bandeirantes. Afora isso, não há nenhum plano. Não me interessa. Eu acho a televisão um veículo de muita importância para a música brasileira. Não digo imprescindível porque já há outras alternativas, como o circuito universitário. Inclusive o aproveitamento da música na televisão hoje é diferente de quando eu comecei. Não sei porquê. A música é utilizada apenas em novelas e paradas de sucesso. Estão usando agora a *Carolina* em uma novela. Comecei em televisão e acho ela muito importante. Agora, essa que está montada aí, não me interessa.

